



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO GESTÃO, MÍDIAS E TECNOLOGIA
CURSO DE ANIMAÇÃO

Luiz Felipe Moreira Silva Oliveira

Materializando o Videoclipe:

Criando uma animação através da imagética de Pink Floyd

Florianópolis

2024

Luiz Felipe Moreira Silva Oliveira

Materializando o Videoclipe:

Criando uma animação através da imagética de Pink Floyd

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Animação do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Animação.

Orientador(a): Prof. André Luiz Sens, Dr.

Florianópolis

2024

Oliveira, Luiz Felipe Moreira Silva

Materializando o Videoclipe: : Criando uma animação
através da imagética de Pink Floyd / Luiz Felipe Moreira
Silva Oliveira ; orientador, André Luiz Sens, 2024.

41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Animação,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Animação. 2. Animação. 3. Videoclipe . 4. Imagética.
5. Canção. I. Sens, André Luiz. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Graduação em Animação. III. Título.

Luiz Felipe Moreira Silva Oliveira

Materializando o Videoclipe:

Criando uma animação através da imagética de Pink Floyd

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Animação e aprovado em sua forma final pelo Curso de Animação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de agosto de 2024.

Prof. Flávio Andaló, Dr. Coordenador do Curso de Animação UFSC

Banca Examinadora:

Prof. Gabriel de Souza Prim, Dr. (UFSC)

Prof. Flavio Andalo, Dr. (UFSC)

Prof. André Luiz Sens, Dr. Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

A Isabella Cunha, agradeço imensamente pelas conversas noites adentro, pelo suporte na escrita deste texto, por cada palavra de incentivo e pelo companheirismo sem igual. Sem sua amizade, este trabalho não seria possível.

“For long you live and high you fly
And smiles you'll give and tears you'll cry
And all you touch and all you see
Is all your life will ever be.”

Rogers Waters, 1973

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre videocliques e canções por meio de um estudo de caso de uma produção audiovisual animada. O clipe, uma animação produzida com base na pesquisa da música 'Breathe' da banda de rock progressivo Pink Floyd, revela que elementos intrínsecos à canção, estabelecem conexões com elementos também presentes no videoclipe, criando um ciclo contínuo de construção de sentido entre essas mídias e para a obra como um todo, onde a canção deposita seus signos no videoclipe, e o vice versa. O estudo de caso demonstra, ainda, que as escolhas criativas em termo de roteiro, direção de arte, animação e edição são capazes de gerar uma imagem plástica que pode estar em consonância ou em dissonância com esses elementos. Essa nova camada de sentidos, fruto da conexão cognitiva entre as duas mídias por meio de contrastes e semelhanças, promove uma sinestesia que possibilita novas interpretações da obra original.

Palavras-chave: videoclipe; animação; Pink Floyd, imagética.

ABSTRACT

This article aims to analyze the relationship between music videos and songs through a case study of an animated audiovisual production. The video, an animation created based on the research of Pink Floyd's song "Breathe," reveals that intrinsic elements of the song establish connections with elements also present in the video, creating a continuous cycle of meaning-making and sensory experiences between these media and the work as a whole, where the song's signs are embedded in the video, and vice versa. The case study also demonstrates that creative choices in script, art direction, animation, and editing can generate a visual representation that may either align with or contrast the song's elements. This new layer of meaning and sensory experience, resulting from cognitive connections between the two media through contrasts and similarities, fosters a synesthetic experience that allows for new interpretations of the original work.

Keywords: music video; animation; Pink Floyd, Imagery.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-------|
| Figura 1 - Capa do Álbum The Dark Side of the Moon | p. 20 |
| Figura 2 - Cena 06 e cena 13: Refrão visual | p. 29 |
| Figura 3 - Cena 07: Transição por dissolução | p. 30 |
| Figura 4 - Cena 23: O Eclipse | p. 31 |
| Figura 5 - Cena 04: O mundo natural e os signos de sol e ar | p. 32 |
| Figura 6 - Cena 05 e cena 15: Dualidade estética entre atos | p. 33 |
| Figura 7 - Cena 13: Signo de Fogo | p. 35 |
| Figura 8 - Personagem em contraste com cenário. | p. 36 |
| Figura 9 - Concept de personagem | p. 37 |
| Figura 10 - Cena 01: Abertura e encerramento do videoclipe | p. 39 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1. SPEAK TO ME - REFERENCIAL TEÓRICO..... | 13 |
| 1.1. GÊNERO..... | 14 |
| 1.2. REFRÃO..... | 16 |
| 1.3. LETRA E PERFORMANCE..... | 17 |
| 2. BREATHE - O PROJETO..... | 19 |
| 2.1. A BANDA E O ALBUM..... | 19 |
| 2.2. A CANÇÃO..... | 21 |
| 2.3. A LETRA..... | 23 |
| 3. ON THE RUN - ANÁLISE..... | 26 |
| 3.1. MATERIALIZANDO A IMAGÉTICA..... | 27 |
| 4. TIME - CONSTRUINDO O VIDEOCLIFE..... | 33 |
| 4.1. A ESTÉTICA..... | 35 |
| 4.2. OS RESULTADOS..... | 38 |
| 5. THE GREAT GIG IN THE SKY - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |

INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, onde o consumo de música se mescla cada vez mais com a experiência visual, compreender a relação entre videoclipes e canções se torna crucial. Este artigo propõe um mergulho nessa conexão intrínseca, explorando como esses dois formatos se complementam e se expandem mutuamente em termos de sentidos. Diversos estudos já se debruçaram sobre as dinâmicas entre essas mídias, desde debates sobre a validade do videoclipe como expressão artística (VARGAS, 2000) até os métodos de análise imagética da canção (JANOTTI JR; SOARES, 2008), essa crescente atenção dos campos de comunicação demonstra o interesse por essa forma de arte da música popular.

Com base nesse panorama, surge a questão: como a imagética expressa pela canção e a imagem visual do videoclipe interagem na construção de sentido dessas obras? Para desvendar essa questão, exploraremos os laços entre ambas as mídias, desvendando seus percursos de construção de sentido e observando os principais pontos em que a imagem da canção se manifesta. Essa análise abrangerá desde elementos intrínsecos à canção, como letra, melodia e performance, até elementos presentes também no videoclipe, como refrão e as expectativas imagéticas dos gêneros musicais.

Compreender os caminhos que a canção trilha ao exprimir uma imagética no ouvinte é importante para entender como podemos usar dessa imagética como um instrumento na construção de um videoclipe. Nessa dinâmica iremos explorar também como o videoclipe tem possibilidade de se afastar ou se aproximar da imagética que canção produz, gerando uma camada de significados que altera ou reafirma o conceito original da canção, em um processo de troca.

Para aprofundar a análise de relação entre essas mídias, apresentaremos um estudo de caso, produzindo um videoclipe animado baseado na canção *Breathe* da banda de rock *Pink Floyd*, nele, faremos uma interpretação da canção e seus elementos musicais, junto a aspectos do álbum e banda, para então explorar escolhas criativas em termos de roteiro, direção de arte, animação e edição, que sejam capazes de exprimir um produto de imagem plástica, que articule sentidos com a canção, gerando assim uma sinestesia capaz de formar um nova interpretação sobre a obra original.

Com os resultados desse projeto fílmico, o videoclipe, poderemos observar com detalhes como sua construção, a partir da análise imagética da canção, tem o poder de manipular essa imagem para gerar novos sentidos, que no final recaem de volta na canção em um processo circular de pluralidade de sentidos, que detém a versatilidade de validar o seu conceito original, ou deturpá-lo por completo. E através do recorte do projeto, ao explorar as especificidades da canção *Breathe*, será possível perceber como a imagem plástica se manifesta nesse contexto específico, e os motivos de suas escolhas estéticas para articular com a imagética expressa na canção.

Acredita-se que os temas explorados nesse artigo e o estudo de caso do videoclipe *Breathe* será uma valiosa contribuição para a compreensão das relações entre videoclipes e canções, demonstrando o potencial profundo e significativo da interconexão entre essas duas mídias, e do versatilidade artística possibilitada por esses produtos da música popular.

1. *SPEAK TO ME* - REFERENCIAL TEÓRICO

A noção de videoclipe está diretamente ligada a sua conexão com os artefatos sonoros da canção, essa correlação imediata é óbvia ao pensar que o videoclipe é um instrumento de síntese da canção. Porém, ao analisarmos as relações de troca que estas duas mídias produzem, conseguimos enxergar momentos que ultrapassam essa dinâmica, num fenômeno em que a canção acaba por sintetizar também, em alguns casos, o próprio videoclipe.

Para Janotti e Thiago (2008, p.93), “a canção se refere à capacidade humana de transformar uma série de conteúdos culturais em peças que configuram letra e melodia”. Além disso, o trajeto desta mídia até sua configuração como música popular, esteve diretamente ligado aos processos de evolução tecnológica, e estabelecimento de produtos de reprodução, proporcionando a massificação de consumo da música, e a ampla abrangência da performance musical através dessas reproduções, por meio de aparelhos como o gramofone por exemplo.

Baseado nessa definição da canção, não seria ousado pensar que o videoclipe, estando tão intimamente ligado aos processos de produção musical, venha a compartilhar dos mesmos artefatos de desenvolvimento. O videoclipe portanto nasce da mesma estrutura de reprodução da música pop, é pensado para o consumo repetitivo, e só tem sua estrutura possibilitada com o surgimento de aparatos semelhantes, de caráter fílmico, que possibilitam sua produção e reprodução. Podemos aqui dizer que no caso do videoclipe, o grande estopim para o seu surgimento foi a popularização da televisão, que dentro da sua programação foi agregando a música popular, com apresentações ao vivo das performances musicais, que exalavam para o público um referencial plástico vindo da performance, e o reproduzindo em massa. Já o caráter repetitivo iria se consolidar décadas após seu surgimento com a MTV (Music TeleVision).

O videoclipe portanto, estaria condicionado aos caminhos que o desenvolvimento da produção musical percorre, sujeito às mudanças e dinâmicas pertencentes a indústria musical, e não só isso, mas também tem sua existência dependente da existência da música, o que nos levou a analisarmos esta mídia não como um meio de produção artística, mas apenas a pensar o seu caráter de reprodução, considerando-o como só um produto divulgador da canção, uma mídia incapaz de produzir mas sim apenas reproduzir.

Esse pensamento é fortemente rebatido por Vargas (2000), que considera que o videoclipe: “não é mais uma mera ilustração da canção, [...] mas já solidificou-se enquanto uma forma audiovisual autônoma com dinâmicas e estrutura próprias.”

Vargas explicita as dinâmicas dos videoclipes nos meios de reprodução do início do milênio, que encontrou na fórmula de sua produção características únicas quando comparadas a outros gêneros televisivos e fílmicos. Dentre elas, a habilidade de incorporar para si novas tecnologias e formas de consumo latentes, e também ter menor tendência à padronização, comuns em outros gêneros televisivos e fílmicos. A soma dessas e outras características ainda a serem exploradas neste artigo, tornam o videoclipe uma mídia com alto potencial criativo e original e mais consonante com as evoluções dos procedimentos tecnológicos e estéticos, criando um campo próprio para experimentações plásticas dentro do audiovisual.

Com base nisso, é possível sim identificar o videoclipe como uma forma de reprodução da canção, mas não limitado a isto, dentro de sua estrutura possibilita uma liberdade criativa, de cunho plástico, que agrega camadas no que a canção traz para ele. Portanto, se a canção é a capacidade humana de transformar conteúdos culturais em peças que configurem letra e melodia, o videoclipe consegue transformar esses mesmos conteúdos em uma camada plástica, recheada dos seus próprios signos e elementos, que agrega novos sentidos à canção.

1.1. GÊNERO

Estabelecendo o videoclipe como forma audiovisual autônoma, nos resta perguntar onde fica o papel da canção nas dinâmicas de criação desta mídia, e como já relatado anteriormente, o videoclipe está intimamente ligado à canção, e portanto também, aos seus caminhos de construção de sentido. Ao analisarmos ambas mídias conseguimos encontrar lugares de tensões e complacência nos seus percursos de construção de sentido, ligando por vezes essas mídias num fio de análise que consegue ser usado para ambos os casos, mas ressaltando suas especificidades, esta dança entre som e imagem é o que nos permite chegar a uma sinestesia, uma troca entre a canção e videoclipe.

A canção então, durante seu percurso, combina diversas variáveis que nos ajudam a criar uma imagética, seu ritmo, timbre e melodia, são capazes de levar o

ouvinte a "visualizar" o som que escuta. Batidas rápidas e fortes podem trazer um sentimento de urgência, por exemplo, enquanto ritmos suaves e calmos o justo oposto. Poderíamos ficar páginas descrevendo os efeitos semióticos do som na construção dessa imagética, o que não cabe no escopo deste artigo. Nesse caso é importante nos atentarmos que as escolhas dos artefatos sonoros, impactam na nossa interpretação imagética da canção. Contudo eles sozinhos não são fortes o suficiente para "gravar" uma imagem na nossa mente, mas expressam com precisão o "sentimento" pretendido pelo autor. A construção da imagem que uma canção produz na mente do ouvinte se dá por uma soma de fatores na sua criação, articulados a conceitos plásticos anteriores até mesmo a sua concepção; estamos falando aqui de expectativas imagéticas que colocamos nas peças musicais baseado no nosso repertório, experiências pessoais, e claro as convenções dos gêneros musicais.

Essas convenções de gênero, seriam uma espécie de ponto de partida na nossa análise musical, é de onde tiramos a maior parte das nossas expectativas quando escutamos uma canção. Segundo Janotti e Tiago (2008): "O gênero musical é definido, então, por elementos textuais, sociológicos e ideológicos, é uma espiral que vai dos aspectos ligados ao campo da produção às estratégias de leitura inscritas nos produtos midiáticos."

Os autores definem o gênero musical como uma junção de elementos textuais, ideológicos e sociais, que perpassam desde a concepção da canção até o momento do seu consumo, segmentando assim a peça num nicho, através de preceitos existentes em comum com outros produtos que usam dos mesmos elementos. Sendo assim, podemos entender os gêneros musicais como uma junção de códigos que referenciam tanto os autores dos produtos midiáticos nessas segmentações, quanto os que irão consumir o que é produzido, formando assim, um repertório que se manifesta antes mesmo do consumo e produção, baseado em outros produtos do mesmo gênero.

Ao definirmos que a produção midiática, seja canção ou videoclipe, reverberam as convenções referentes ao gênero, podemos também assumir que este novo produto irá também contribuir para a formação desse repertório, e por tanto se acrescenta novos elementos ao gênero musical em si, com isso, é possível começar a perceber um processo circular de construção de sentido dentro das convenções de gênero, os autores irão conceber essas convenções como parte de

um “horizonte de expectativas”, que perpassa desde o gênero, às narrativas específicas do autor e sua performance.

É possível entender então que antes de escutarmos uma música, automaticamente passamos por um processo de atribuição imagética no percurso que ela percorre, ou seja, antes mesmo que a música possa expressar sua visualização particular por meio dos seus elementos sonoros, uma imagem já é atribuída a ela de forma prévia, oriunda de preceitos pertencentes ao gênero que a música se enquadra. Com isso o ouvinte acaba por apenas afirmar suas expectativas quando escuta uma canção que articula os elementos condizentes com o gênero a que ela pertence. Também é possível visualizar o papel do autor e intérprete nesse processo de construção de imagética, já que por terem o poder de construção de sentido, podem validar estes signos, ou subvertê-los na construção da sua imagética particular, que perpassa as expectativas de gênero.

1.2. REFRÃO

Um paralelo importante que se pode observar nas análises do percurso entre essas duas mídias é o refrão, um momento que na canção serve como referência para o ouvinte no desenrolar da música. Para Janotti e Thiago:

O refrão, um dos principais elementos constitutivos da canção pop e gancho narrativo para uma boa parte dos videoclipes, tem como propriedade marcar o momento em que a canção convoca o ouvinte a um “cantar junto” de maneira mais evidente. Trata-se da marcação sonora mais premente e responsável pelo momento em que o texto sonoro se dirige com mais veemência ao seu destinatário (JANOTTI, SOARES, 2008, p.93)

Ou seja, o refrão é o momento da música que localiza o ouvinte dentro da mídia, incorpora o público na sua dinâmica, e o convida a colaborar na criação do percurso que a canção desenvolve. Como se o ouvinte estivesse em uma viagem, e a canção fosse o lugar a onde se viaja, nessa alegoria o refrão seria um referencial, um ponto turístico a se visitar e se localizar dentro da canção, e o percurso a estrada que o ouvinte constrói com a canção na formação de sentido. Contudo, existem também gêneros musicais e autores que têm nas suas propostas de construção de conceito a subversão ou até mesmo eliminação desta máxima; neste caso o

percurso da canção ainda existe, porém o convite para a participação do ouvinte pode se dar de outras formas, ou até mesmo não se dar de forma alguma.

No videoclipe, a incorporação do refrão também acontece, e pode se desenvolver de diversas formas, seja replicando os momentos da canção, os reforçando através de repetições plásticas no vídeo, como uma coreografia sendo performada, uma cena da banda em êxtase, a mesma cena se repetindo no momento do refrão, ou criando o seu próprio momento de convite ao espectador, que pode inclusive se dar em momentos completamente distintos do refrão da canção, chamando o público para seu próprio percurso em paralelo ao percurso da música. Esse fenômeno foi explorado por Mundy (1999, apud JANOTTI JR; SOARES, 2008), que define o videoclipe frequentemente repetindo os artefatos musicais da melodia, ritmo e timbre, aproximando assim as fronteiras entre som e imagem. Contudo ele também ressalta a autonomia da imagem, naqueles que decidem abandonar esses meios de representação da canção, e assim o videoclipe ganha em flexibilidade, e polivalência de significados. Nesse cenário, o videoclipe consegue recair os seus próprios significados na canção, em um processo que Mundy (1999, apud JANOTTI JR; SOARES, 2008) vai chamar de "dar-e-pegar" entre o som e a imagem.

Baseado nessa dinâmica que o videoclipe possibilita estabelecer com a canção, podemos entender a dimensão da sua versatilidade, pois o mesmo consegue estreitar os laços com o percurso da canção, validando seus signos e construindo uma aura de consonância entre as duas mídias, e ao mesmo tempo ter a total possibilidade de subverter essa expectativa e criar um percurso paralelo que se apoie menos nos esquemas de construção de sentido da canção, assim gerando um camada que compartilha significados entre ambas mídias, num processo de troca, ampliando a participação do público na interpretação das peças.

1.3. LETRA E PERFORMANCE

A imagética particular que o artista projeta nos leva a tocar outras partes vitais da construção de sentido da canção, a letra e performance. A letra se direciona diretamente ao nosso imaginário, nos possibilitando visualizar de forma literal a narrativa da canção, mas novamente vale ressaltar que há casos em que a letra exerce menor peso na dinâmica de construção imagética, e há também

gêneros musicais que podem recusar o uso deste artifício completamente, como algumas vertentes da música eletrônica por exemplo, já quando inserida no contexto do videoclipe a mensagem que a letra propõe pode ser reforçada por correlações literais do que é falado, bem como deturpar por completo seu sentido, no final é na performance do artista que podemos exprimir com clareza o sentido que a letra se propõe.

Antes da reprodução musical em massa, a imagem de uma música era construída principalmente por apresentações ao vivo. Durante essas performances, os artistas combinavam letra e melodia para exprimir o conceito da música. Nessa ocasião, utilizando de diferentes artifícios visuais e sonoros junto a presença de palco do intérprete, criava-se uma camada plástica, contendo múltiplos signos sonoros e visuais. Portanto, a performance pode ser vista como um conjunto de elementos que são articulados para construir o conceito final da música, guiando uma construção de sentido para o ouvinte. Nos dias atuais, esses signos acabaram por se diluir em diferentes mídias, e circulam de maneira mais espalhadas entre elas, tornando a performance de um objeto de criação do autor para um que passa a criar outros objetos (Janotti e Tiago 2008).

2. **BREATHE - O PROJETO**

Após compreender como os vínculos entre o videoclipe e a canção se formam e como há uma troca de significados entre essas mídias, podemos explorar o potencial e a autonomia criativa do videoclipe por meio de um estudo de caso, identificando de que maneira os elementos de construção imagética - letra, melodia, convenções de gênero e performance - se materializam na criação de uma peça audiovisual original da canção.

Essa camada plástica resultante do videoclipe agrega novos sentidos ao percurso da canção, enriquecendo o conceito original da peça, e essa nova percepção sobre a imagética expressa pela canção pode se materializar de diversas formas em um videoclipe, dependendo da proposta do autor de estreitar ou desatar os laços com o material musical, e criando um percurso único em paralelo com o da canção.

Neste caso, criamos um videoclipe animado baseado na música *Breathe* da banda de rock Pink Floyd, com intuito de celebrar os 50 anos do lançamento do álbum *The Dark Side of the Moon*. Por isso, optou-se por uma certa complacência com o material original, estreitando os laços com as imagens que a canção produz em sua narrativa particular, mas ainda dando espaço para o afastamento desses elementos e a inserção de outros, em momentos oportunos para criar uma nova camada de sentidos sobre a imagética original e, ao mesmo tempo, alinhando-se ao caráter conceitual do álbum.

2.1. A BANDA E O ALBUM

Para mergulhar na jornada visual criada no videoclipe animado da música *Breathe*, é crucial compreender a imagética expressa pela canção e seu contexto. A produção da música faz parte de um álbum mais amplo, e seu sentido é construído em conjunto com o seu conceito geral. Para entender o desenvolvimento da imagética de *Breathe*, é necessário considerar o horizonte de expectativas que surge antes mesmo de ouvir a música.

The Dark Side of the Moon, da banda Pink Floyd, tornou-se um marco atemporal no cenário musical internacional. A inovação tecnológica e melódica trazida pelo disco, com seus sintetizadores, tecnologia de ponta para a época e

faixas conectadas, revolucionou o rock e a música. Somado a isso, as gigantescas performances em estádios com uma produção colossal, que incluía um show de luzes, cores e sons, moldaram em diversos aspectos plásticos e sensoriais como os shows e performances ao vivo seriam realizados dali em diante. (Paul Stumps, livro, “Speak to me”, 2005)

The Dark Side of the Moon é um álbum conceitual que explora a complexidade da mente humana, os desafios da vida moderna e as questões existenciais que nos afligem, segundo Steve Davidson (2019), “o álbum é um conto rico, complexo e melancólico sobre a busca individual por significado num mundo de angústia existencial, absurdos, desilusões, morte, divisões sociais, e em última análise um mal definitivo que devemos confrontar”. O álbum como um todo se aprofunda sem medo e de forma tão facilmente reconhecíveis por todos em suas temáticas, que mesmo hoje 50 anos depois de sua criação, parece ser extremamente atual.

O álbum não apenas fez sucesso, mas se tornou histórico, o trabalho feito pela banda expressa uma imagem tão preeminente que é impossível pensar em Rock, em especial Rock progressivo, sem pensar na banda e no álbum. Um exemplo é a universalmente reconhecível capa do disco, o prisma que refrata um arco-íris a partir de um feixe de luz sob um plano escuro. A simplicidade da arte criada por Storm Thorgerson materializa de forma expressiva a riqueza conceitual do disco, da dualidade entre luz e escuridão às referências aos icônicos shows de luzes performadas pela banda.

Figura 1 - Capa do Álbum *The Dark Side of the Moon*



Esse caráter atemporal não é produto apenas do conceito do álbum, mas também da vanguarda da banda durante sua produção, Pink Floyd ajudou a reformular o gênero, distribuindo seus signos pela indústria fonográfica com o passar das décadas, influenciando artistas até os dias de hoje.

Como explica Ricardo Seelig (2016), as bandas progressivas buscaram ir além do que era feito no rock da época, e buscando se afastar da padronização das músicas pop surgiram músicas de longa duração, trechos instrumentais estendidos, interlúdios, e o que talvez seja sua maior característica, a popularização da abordagem conceitual, com discos contendo um único enredo, dividido em várias faixas. É possível associar também a banda ao Rock Psicodélico e Rock lisérgico, por compartilhar alguns elementos com estas vertentes, em especial o teor onírico das canções e as alterações sonoras por meios eletrônicos.

Pink Floyd compartilha de muitos desses aspectos, e em especial, muitas das características ligadas a esses gêneros foram popularizadas pelo trabalho em *The Dark Side of the Moon*. O disco tem em sua formatação faixas longas e conectadas que tecem uma viagem sensorial pela experiência humana na terra. É possível perceber então como é natural para a imagética expressa pelo álbum ter total complacência com as expectativas que seu gênero impõe, visto que muitas das imagens que as canções materializam nos seus percursos, as quais ainda irão ser exploradas neste texto, acabaram por servir de repertório para o próprio gênero, e voltam aqui se reafirmando visto a relevância do álbum no seu campo.

Dark Side of the Moon é então uma viagem sensorial e conceitual, que usa de seus diversos elementos: melodia, gênero, letra e performance para produzir uma peça que influenciou e influencia trabalhos musicais e visuais até os dias de hoje. Do inovador uso de sintetizadores, faixas conectadas, interlúdios, instrumentais estendidos, letras complexas somada a uma narrativa onírica, melancólica e introspectiva, Pink floyd consegue marcar na nossa mente a dualidade do eclipse da lua, numa dança entre vida e morte, nós e eles, luz e escuridão e ao mesmo tempo, todas as cores do arco-íris.

2.2. A CANÇÃO

Assim chegamos finalmente em *Breathe*, segunda música do álbum logo após “Speak to me”, as duas músicas combinadas formam um conexão sonora, se

entrelaçando de forma perfeita entre as faixas, podemos dizer que são quase como uma única música, que servem como Prólogo para o disco. Em *Speak to me*, ouvimos diversos artefatos sonoros sobrepostos que são explorados nas outras músicas do álbum, como as batidas de coração, que se repetem finalizando a última faixa do disco, e os gritos etéreos presentes em *The great gig in the sky*, representando o início da vida. Esse acúmulo de elementos sonoros futuros do álbum, deixam claros desde o início que o conceito do álbum se estende por todas as canções de maneira conectada.

Já a segunda música, começa de maneira calma, o instrumental se estende numa eterna crescente pela primeira parte da música, e com ausência de letra, para guiar a criação de uma imagem. A música é evocativa, com um ritmo lento, melodias suaves e harmonias etéreas. A instrumentação da canção é esparsa, com guitarra, baixo, piano e bateria fornecendo um pano de fundo sutil para os vocais. O efeito geral causado é de paz e tranquilidade, como se o ouvinte estivesse flutuando pelo espaço ou paisagens oníricas e introspectivas. Ao chegarmos mais próximos ao meio da faixa o tom da música entra numa decadente, e é só aqui que ouvimos pela primeira vez os primeiros vocais do álbum inteiro.

É justamente nesses primeiros vocais que conseguimos apanhar tudo o que *The Dark Side of the Moon* irá se propor daí para frente, introduzindo de forma metafórica a experiência humana na terra do começo ao fim, com um otimismo melancólico que contrasta com uma inevitável influência sombria de viver numa sociedade moderna. Essa é claro uma das múltiplas interpretações possíveis da letra, e é justamente na infinidade de possibilidades interpretativas que a arte ganha sua beleza.

Vamos fazer aqui uma breve análise da letra, invocando uma interpretação possível sobre ela, mas que seja capaz de expressar o conceito proposto pela banda na sua formulação, e o impacto do resto do álbum sobre essa faixa na construção de sentido. Para isso, foi utilizado de interpretações diversas de autores que se debruçaram em entender *The Dark Side of the Moon*, como Michel Arbach, Steven Davidson e Polyphonic, e enriqueceram as discussões acerca da análise do álbum, somadas à interpretação pessoal do criador do videoclipe.

2.3. A LETRA

Um dos aspectos que mais chamaram a atenção nas análises do álbum, é a constante dualidade referida no álbum através de diversos elementos, um dos maiores temas que o conceito do álbum aborda é justamente a dualidade humana, que se manifesta de forma sombria ou solar nas letras, que ganham nome de faixas como “Us and Them”, ou até na própria configuração do álbum que tem seus temas separados entre o lado A e B do disco, sendo a primeira parte conceitualmente mais etérea e espiritual, e a segunda mais realista e materialista (Arbache, 2008). É importante entender como essa dualidade se apresenta no cerne do conceito do álbum, visto que na própria letra se obedece esse padrão.

Como dito antes, a canção *Breathe* tem dois momentos, até metade da duração, a canção se estende num grande instrumental e na segunda parte é acrescentada os vocais. A letra se divide também em duas estrofes, que carregam na sua mensagem dois sentimentos distintos, replicando o efeito geral da música onde a primeira parte instrumental passa um sentimento quase contrário à segunda parte.

Breathe, breathe in the air / Respire, Respire o ar
Don't be afraid to care / Não tenha medo de se importar
Leave, but don't leave me / Parta, mas não me deixe
Look around, choose your own ground / Olhe ao seu redor, e escolha seu próprio chão
Long you live and high you fly / Desejo a você uma vida longa e que você voe alto
Smiles you'll give and tears you'll cry / Sorrisos você dará e lágrimas você chorará
And all you touch and all you see / E tudo você tocar e tudo que você ver
Is all your life will ever be / É tudo o que sua vida sempre será

Run, rabbit, run / Corra, coelho corra
Dig that hole, forget the sun / Cave aquele buraco e esqueça o sol
When, at last, the work is done / E quando finalmente o trabalho terminar
Don't sit down, it's time to dig another one / Não se sente, é hora de cavar um outro
Long you live and high you fly / Desejo a você uma vida longa e que você voe alto
But only if you ride the tide / Mas só se você montar na maré
Balanced on the biggest wave / E se equilibrar na maior onda
You race towards an early grave / Você corre para um túmulo adiantado

Segundo Michel Arbache (2008), a estrutura do álbum segue uma narrativa da vida humana através das faixas, do nascer ao morrer, apesar dessa ideia parecer mais real na primeira metade do disco do que no disco como um todo, a configuração da canção *Breathe* dentro do álbum não se altera, e se enquadra nessa estrutura como a representação do começo da vida. O texto em segunda

pessoa passa a sensação de aconselhamento pela letra, como se estivéssemos sendo preparados para viver.

“*Breathe, breathe in the air*”, usando de metáfora o ato de respirar, primeiro ato de uma pessoa ao nascer, ao estado de viver, e ao mesmo tempo que se respira e não se percebe que está respirando, vive-se sem perceber que se está vivo (Davidson, 2019). O aconselhamento continua nas frases seguintes, com versos como “*Don't be afraid to care*” sendo um convite para as experiências da vida e não temer os relacionamentos humanos (Arbache, 2008), “*Leave, but don't leave me. Look around, choose your own ground*” que pode ser interpretado como o nosso livre arbítrio e a possibilidade de fazer nossas próprias escolhas nas infinitas possibilidades de se viver, assim como os laços familiares daqueles que nos apresentam o mundo, mas não querem nos perder. A estrofe finaliza com um último conselho, sobre como a completude da vida de um indivíduo no final se dará pelas somas de suas experiências (Polyphonic, 2020) “*Long you live and high you fly, Smiles you'll give and tears you'll cry, And all you touch and all you see, Is all your life will ever be*”.

A segunda estrofe muda o tom dos aconselhamentos, entrando em uma urgência e quase antagonizando os conselhos da primeira parte, agora a letra nos apresenta o que seria o lado sombrio da vida, sem dó nem pena, o conselheiro quebra a suave subjetividade dos primeiros conselhos e ordena: “*Run, rabbit run, Dig that hole, forget the sun, When, at last, the work is done, Don't sit down, it's time to dig another one*”, a letra aborda a vida moderna por meio de uma alegoria de um coelho cuja única ocupação é a labuta incessante, junto a alegoria do "esquecimento do sol" que revela um signo importante no álbum, o sol é enxergado em muitas culturas como símbolo da vida e verdade, portanto se esquecer deste elemento significa também o perder destas virtudes, e aqui seria um resultado de viver sobre a rotina exaustiva de uma sociedade desenfreada. “*Long you live and high you fly, But only if you ride the tide*” o conselho se volta um uma possível solução para essa ausência do sol, o termo “Cavalgar a maré” impõe outros dois signos importantes na interpretação, o mar, massa de água comumente relacionado a massas de pessoas, e a lua, astro que controla as marés e esconde a luz do sol durante um eclipse (Davidson, 2019), portanto segundo o conselheiro aqueles que decidirem entrarem em sintonia com essa influência obscura que nos afasta do signo do sol, poderá de fato ter muito sucesso. Mas no final adverte um fim trágico aos que decidirem se

aventurar no ápice da influência obscura da Lua: “Balanced on the biggest wave You race towards an early grave”.

Podemos então analisar *Breathe* como uma abrangente introdução aos conceitos explorados no disco. Da nossa chegada desavisada ao mundo à realização de viver uma vida moldada por nossas experiências, sejam elas positivas ou negativas, até o fim de nossa jornada neste plano, a banda expressa o sentimento universal de uma passagem breve pela Terra. Além de explorar o aspecto da vida, a banda também aborda uma antívida, a escuridão resultante de uma sociedade pós-industrial. Essa deturpação das verdades sobre viver numa sociedade exploradora era tão real há 50 anos quanto é hoje, no final a banda nos deixa com dois caminhos para lidar com a inevitável existência do indivíduo, e a influência sombria a que ele é subjugado, abraçar o viver, ou sucumbir ao niilismo e se retrair da vida. E com esse gosto amargo a canção se despede, emendando sua sonoridade a próxima faixa do disco, *On the run*.

3. *ON THE RUN* - ANÁLISE

No princípio do desenvolvimento do projeto, a canção *Breathe* foi ouvida pela primeira vez pelo o realizador do, até então, futuro videoclipe, essa conexão primária com a música foi importante para “sentir” o trabalho feito por Pink floyd, o que resultou numa análise crua e pouco precisa do conceito que a banda quis exprimir no álbum. Mas claro, isso imediatamente estimulou a repetição inerente nos produtos da música pop e após algumas sessões de escuta e agora mais atentas a outras características das músicas, surgiu uma análise preliminar, desprovida de técnica, porém com uma consonância muito maior com a proposta conceitual da banda. Nesta primeira rodada de análise algumas imagéticas já começaram a ser percebidas, como a sensação onírica de se estar num espaço vazio, ou como muitos se referem à experiência de escutar o álbum, a sensação de flutuar no espaço, além da materialização de contrastes dualistas como claro e escuro, e também a formação de uma imagem plástica causada pela letra da música, como o ato de respirar, a imagem de um coelho, o sol e a clara visão de ondas e marés. Além dos artefatos de certa forma plásticos que se formularam na mente ao escutar a canção, o aspecto que se materializou de forma mais preeminente nesta primeira análise, e que se manteria intacta até a formulação do roteiro, é a persistente sensação de decadência que a música provoca, passando de uma esperançosa e leve sensação positiva, para finalizar com um sentimento de incerteza e desespero.

A sensação de viver numa espiral de desilusões, causadas pela harmonia cadente e reiterados pela letra reveladora e melancólica, seria escolhido como temática central para a animação do videoclipe, alinhado com conceitos mais amplos do álbum, como a influência de uma força obscura nas nossa vidas e a realização da passagem do tempo sobre seu efeito, criando um campo próprio para florir novos signos que expressam outras formas de se observar essas temáticas sobre um novo olhar.

Em um segundo momento a faixa foi novamente ouvida, procurando entender alguns aspectos importantes na formação de sentido, e de criação imagética. Desta vez conseguiu-se exprimir de que forma o refrão se desenvolvia na canção, como os elementos do gênero se manifestaram nas expectativas imagéticas durante a análise, e como a letra e performance da voz espremiavam diversos signos que por sua vez se referiam a diversos conceitos espalhados pelo álbum que aqui

os introduziram para o ouvinte. Esses aspectos serão apresentados mais à frente junto às formas que foram exploradas no videoclipe para os representar, sejam os reproduzindo, reverenciando, ou os refutando.

Ao idealizar o roteiro do projeto, buscou-se então criar uma narrativa ampla, que tocasse nos temas da canção de forma metafórica, deixando um grande espaço para o ouvinte e espectador se projetar no videoclipe e formar seu próprio percurso de criação de sentido. A intenção era criar uma peça que assim como a canção, pudesse embarcar o espectador numa viagem única através dos temas apresentados, de forma transcendente, visualmente cativante e complacente com as sensações causadas pela canção.

Para gerar tal resultado, foi coletado os resultados das análises pessoais e análises líricas da canção e baseado neles, se desenvolveu maneiras de compor visualmente uma narrativa pela experiência humana na terra, acompanhando a jornada de uma pessoa que através de suas experiências no decorrer da vida, é arrastada de um estado de apreciação do viver a um ciclo de decadência, decepções até uma eventual perda das virtudes solares como consequência de viver sobre a sombra de uma sociedade obscura.

3.1. MATERIALIZANDO A IMAGÉTICA

O refrão na música *Breathe*, existe de forma peculiar em comparação as músicas que tem como pretensão chamar o ouvinte para “cantar junto”, nesta faixa não existe estrofe que se repete diversas vezes, nem momentos na música em que a banda exalta uma sonoridade explosiva para chamar o público, pode-se dizer que o convite para a participação do ouvinte ainda acontece mas de maneira mais discreta, como se estivéssemos passando de um observador passivo para um gradual protagonismo na persona da canção, isso acontece pois durante os quase três minutos de música é apenas na metade que a letra em si aparece, e nas duas estrofes que se seguem apenas uma frase se repete “Long you live and high you fly” e somente nesse curto momento que ativamente somos convidados a cantar com a banda, porém em um contexto sensorial completamente diferente, visto a melodia cadente e quase depressiva que a música forma entre a repetição dessas frases.

A repetição por sinal ainda está presente, o ritmo se mantém durante a canção, porém ganhando novas variações durante a construção melódica, formando

um contraste entre as duas partes da música (com e sem letra) essa construção nos faz familiar com a segunda metade, mas com um desconforto quando a escutamos, induzindo ainda mais ao sentimento pessimista da parte final. Esse aspecto foi reproduzido no vídeo clipe, foi decidido dividir a estrutura da animação também em duas partes, visto que esse é um aspecto importante para o conceito do álbum, e assim estreitando os laços com o percurso da canção.

Foi criado um padrão visual para a parte inicial que refletisse dois aspectos fundamentais que a imagética da canção infere, primeiro ao sentimento de paz, esperança e liberdade e segundo ao aspecto onírico tão único da assinatura da banda neste álbum. Para se tornar coerente com estes aspectos, foram criadas nesta primeira parte cenas estáticas de duração maior, com ausência de cenários detalhados dando lugar a espaços vazios porém coloridos, claros e brilhantes, com efeitos degradês e movimentos suaves nos poucos elementos partes do cenário, esses elementos plásticos ajudam a dar o tom na narrativa da personagem, e o resultado neste primeiro ato do videoclipe é uma complacência com a imagética expressa na canção, causando uma sensação de paz, calma e certa admiração pelo mundo apresentado ao espectador.

A segunda parte do videoclipe porém, busca afrouxar os laços atados com a canção na primeira parte, aqui a intenção era dar o mesmo teor de decadência presente na segunda parte da canção, para atingir este efeito, se utilizou de um artifício quase inexplorado na música, o refrão. O conjunto de cenas apresentadas na primeira parte, se repetem aqui constantemente, porém divergem de maneira contrastante na sua estética, quebrando as expectativas do espectador ao revê-las. Os cenários claros e coloridos, se tornam escuros e com poucas cores, há mais movimento de câmera, e somada a uma montagem mais dinâmica e cenas de menor duração, se cria uma sensação de urgência.

Essas cenas “repetidas” formam um refrão visual que respeitam seu próprio tempo de aparição em tela, distinto do da canção, e que acontecem com muito mais frequência, acentuando ainda mais o sentimento de desconforto causado pela segunda metade, e que agora ganha ainda mais potência graças ao apoio da imagem plástica, que traz de volta a imagética da primeira parte em um novo contexto, como se os dois lados da mesma moeda estivessem em constante debate, buscando um equilíbrio entre a esperança e o desespero.

Figura 2 - Cena 06 e cena 13: Refrão visual



Fonte: Autoral

O gênero e o trabalho prévio da banda também tiveram impacto na construção imagética do videoclipe, a partir da análise musical percebeu-se que alguns aspectos que se materializaram já eram esperados, como o teor onírico, psicodélico e crítico do álbum, e portanto faziam parte de um horizonte de expectativas que se manifestaram antes mesmo de ouvir a canção, e acabaram por se materializar no resultado final do videoclipe através de decisões plásticas coloridas e lisérgicas e na escolha de representações metafóricas, cheia de signos do mundo natural, somada a uma montagem não linear.

Outro preceito imagético que emergiu do gênero musical ao ouvir a canção é a conexão entre faixas e mudanças graduais nas melodias comumente relacionadas ao rock progressivo, esse aspecto foi ao mesmo tempo referenciado por algumas cenas específicas, criando transições suaves entre cenas e efeitos de dissolução, mas na maior parte da estrutura do videoclipe foi também desafiado, com cortes secos entre diferentes cenas de *moods* distintos. A ideia foi justamente mostrar a versatilidade do videoclipe em romper com os preceitos que o gênero impõe, e também sua possibilidade em ser compatível com essa imagética em simultâneo.

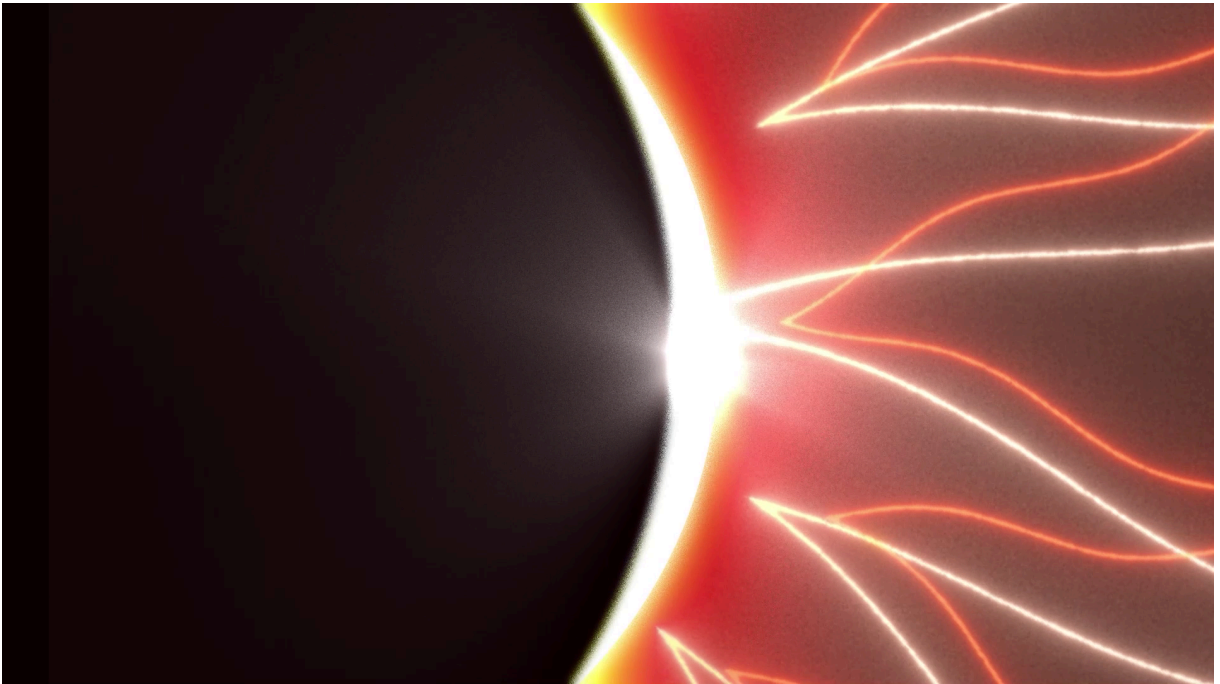
Figura 3 - Cena 07: Transição por dissolução



Fonte: Autoral

Outro aspecto importante observado na imagética que a canção construiu durante a sua análise foram os claros signos utilizados pela banda para criar o conceito do álbum, esses signos são repetitivamente explorados durante o trabalho da banda nas diferentes faixas, sejam em formato puramente sonoro, como o barulho de caixa registradora presente na faixa *Money*, quanto as risadas presente em *Brain damage*, ou parte da letra, invocando de forma plástica na nossa mente o signo e distribuindo sua interpretação pelo ouvinte durante a experiência de ouvir o álbum. Alguns deles já foram explorados durante a análise conceitual da letra da canção, como o signo da Lua (presente na canção de forma indireta pela ausência do sol, movimento da maré, e pelo nome do álbum), que ganha teor de Arquétipo para algo que influencia e emana uma sombra obscura sobre o indivíduo, também o signo do Sol que representa a vida, motivação, vontade e verdade, e o eclipse, que seria o encontro desses dois signos e que se manifesta mais como conceito, aqui representando o comportamento humano na sociedade moderna que tem na sua formulação ao ausencia dos valores solares causados pela influência do signo da Lua. O Mar é um signo mais específico da faixa *Breathe* e se encontra como uma alegoria das massas de pessoas, e as formas de se lidar sobre essa força obscura que movimenta a sociedade.

Figura 4 - Cena 23: O Eclipse.



Fonte: Autoral

Diversos outros signos são apresentados no álbum que se comunicam a outros temas como o tempo, ciclo de vida e morte, insanidade e comportamento humano, mas os mais importantes para a faixa que aqui está sendo explorada seriam os elementos naturais descritos anteriormente, assim como o Ar, que se encontra na música como a ação espontânea de viver (respirar), e dá nome à canção. Esse signo ganha uma multiplicidade de significados, como a não consciência de se viver, já que respiramos para viver, mas não percebemos, a conexão com o mundo natural visto que o ar é o que nos cerca e na canção ganha escala com as sensações de amplitude criadas pela harmonia musical e a crença de liberdade. Portanto, visto que esse signo dá nome à faixa, ele se espalha pela música, dando o seu tom, e articulando com todos os outros signos criando uma multitude de sentidos em cada passagem da letra e sua melodia.

Figura 5 - Cena 04: O mundo natural e os signos de sol e ar.



Fonte: Autoral

Ao introduzir novos signos e explorar diferentes linguagens visuais, o videoclipe pode transcender a função de mera ilustração da música e reforçar sua posição como obra independente, capaz de provocar reflexões e despertar novas emoções no público.

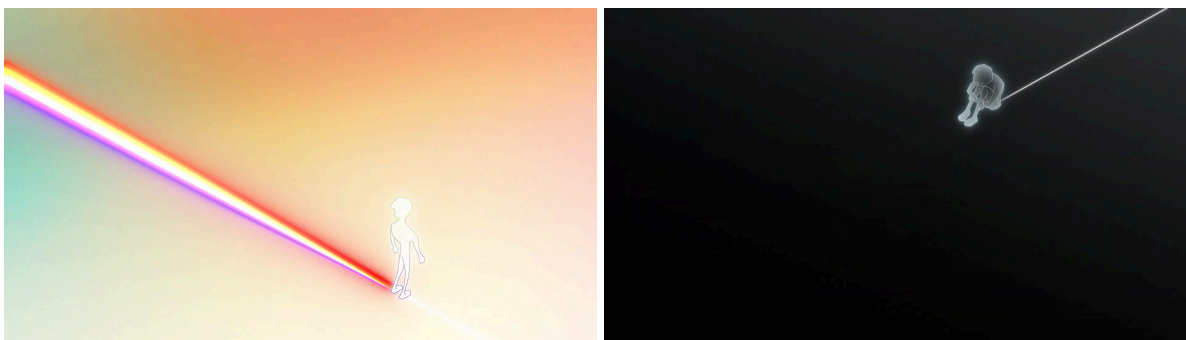
4. TIME - CONSTRUINDO O VIDEOCLÍPE

A partir da análise da estrutura da canção *Breathe*, identificamos momentos-chave que podem ser explorados visualmente, utilizando elementos como a cor, luz, movimento e a montagem para criar uma experiência audiovisual única. Como foi exposto antes, se optou por respeitar a dualidade presente no conceito no álbum e na canção, através de uma narrativa separada em dois atos ligados por uma cena chave.

Na montagem, foi feita uma edição que exaltasse a constante comparação entre as duas partes da canção, não apenas pelo uso das cores claras e escuras, mas também pelo retorno às cenas presentes na primeira parte do videoclipe, porém que ao se reapresentar ao espectador em um refrão visual se mostram com alterações que depreciam o sentimento positivo em sua reprise, imprimindo a quem assiste a sensação de “desilusão” e influência da escuridão sobre a personagem. Esse constante retorno a momentos prévios apresentados na plástica da animação criam uma relação de tempo corrido, o objetivo é acentuar alguns dos aspectos mais importantes da primeira parte do álbum, a passagem do tempo e o inevitável ciclo de vida e morte, nos botando nos pés da personagem e criando um sentimento de rapidez na nossa passagem pela terra.

A ordem da montagem também foi projetada para criar uma múltipla interpretação sobre a linearidade do tempo apresentado, visto que é da natureza do videoclipe a repetição, este seria um aspecto que incentiva essa característica do videoclipe àqueles que decidirem descobrir novas formas de explorar a animação.

Figura 6 - Cena 05 e cena 15: Dualidade estética entre atos.

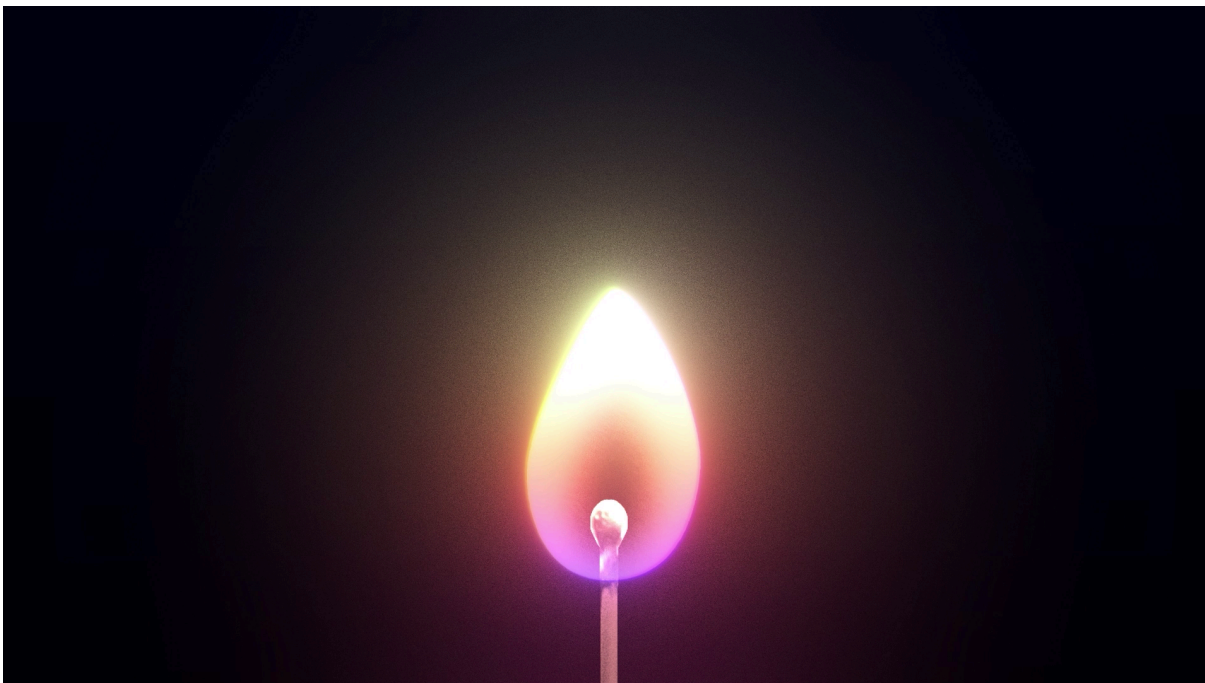


Fonte: Autoral

Dentre os signos já explorados nesse texto, e que retornam na plástica do videoclipe para reiterar suas ideias, foi também introduzidos outros signos inéditos na conceptualização do álbum e de desenvolvimento do autor para expressar diferentes ideias que possam complementar o conceito basal da banda para a canção. A fim de se aprofundar na proposta da animação, representando de forma imagética o conceito de busca pelo sentimento de liberdade e verdade que são esquecidos sob as rédeas da sociedade moderna, foi utilizado do signo do Fogo para sustentar a ideia próxima do calor do sol, porém em um formato diminuto, sem forma e volátil, que está sempre fadado a se extinguir. A proposta era indicar ao espectador e ouvinte a ideia de que nos nossos momentos mais sombrios nós desesperadamente buscamos encontrar o calor do signo do sol em diferentes lugares que no final não nos nutre de vida, mas sim nos consome. Aqui a interpretação individual do público toma as rédeas, abrindo espaço para interpretações como abuso de drogas, consumismo, dependência emocional e qualquer outro tipo de comportamento que se alie com o conceito.

Outro signo que surgiu durante a busca de criar uma nova camada de sentido, foi a Sombra, uma consequência da relação entre o Fogo e o indivíduo. Aqui a Sombra nada mais é do que a Escuridão, explorada pela banda ao falar sobre a força obscura da Lua, e que aqui ganha uma projeção no formato do indivíduo, algo que só é possível de se atingir através de aspectos integralmente plásticos e que ganham uma polivalência de ideias.

Figura 7 - Cena 13: Signo de Fogo



Fonte: Autoral

Ela representa a escuridão que o indivíduo projeta na sua busca pelos valores solares no Fogo. Pode-se interpretar também como a sombra sendo apenas uma projeção de um indivíduo, mas que se colocado em coletivo ganha o tamanho e poder astronômico da escuridão da lua, que nada mais seria que uma sombra generalizada em tudo que existe.

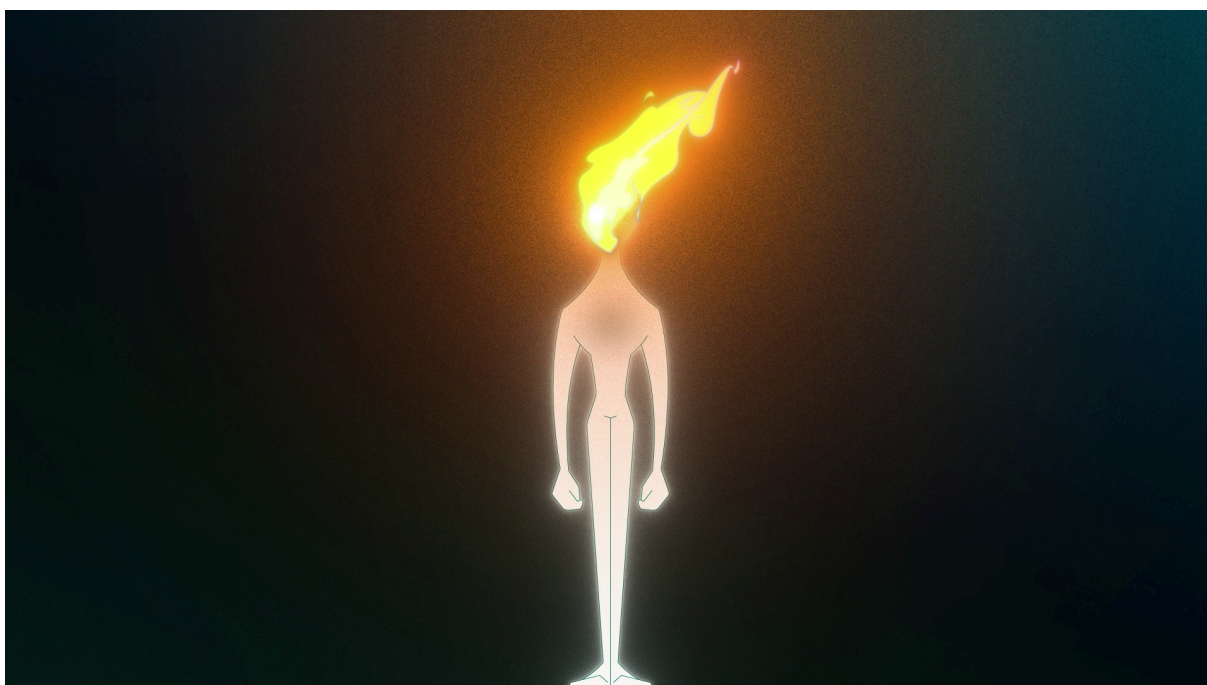
4.1. A ESTÉTICA

O videoclipe foi criado através de técnicas de animação digital 2D, incluindo animação quadro a quadro e motion, a escolha desses suportes ajudou a desenvolver um visual único misturando efeitos puramente digitais ao artesanal, referenciando o trabalho da banda ao inovar usando sintetizadores, efeitos digitais e distorções sintéticas junto aos instrumentos clássicos na suas composições.

As luzes multicoloridas presentes em diversos momentos são inspirações diretas à capa do álbum, e também as performances ao vivo da banda, caracterizadas por lasers, luzes e projeções, que por sua vez, também carregam em si intenção de mimetizar as ideias que a Luz carrega no conceito do álbum.

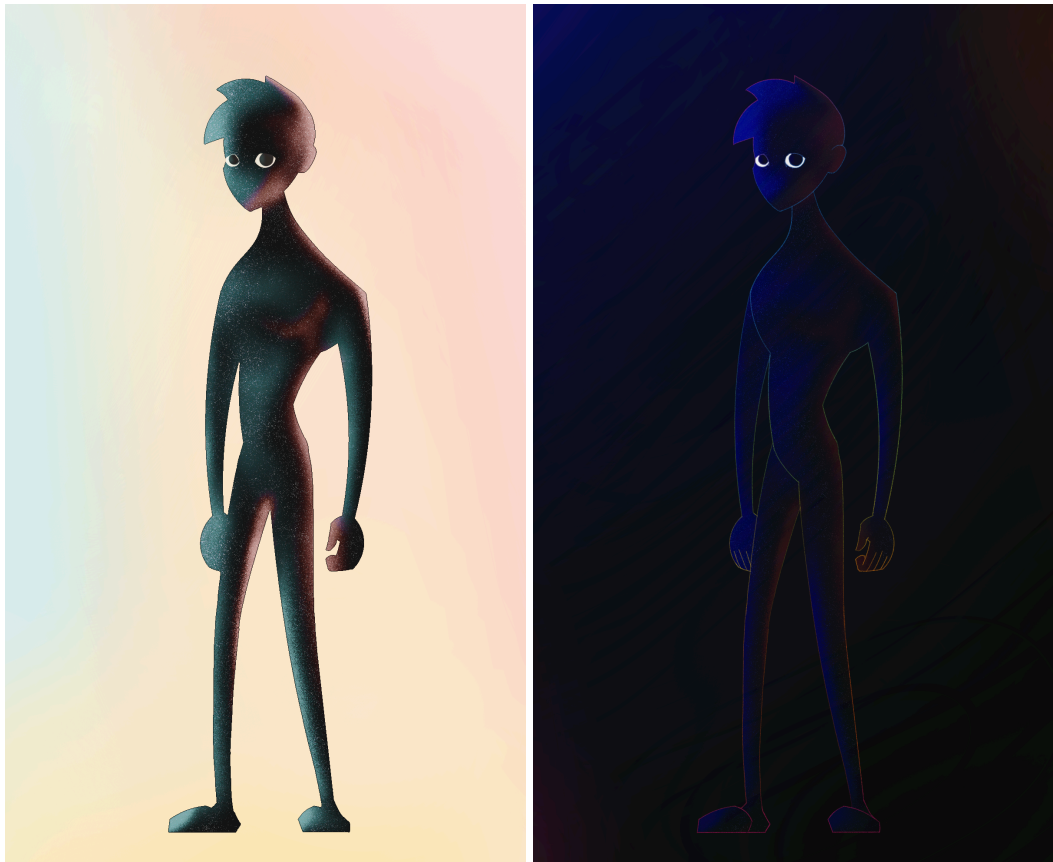
A personagem se caracteriza como uma grande silhueta, sem detalhes e apenas olhos aparentes em seu rosto, com um traçado colorido, a ideia é desconfigurar a ideia de um outro e permitir pela simplicidade dos traços que o espectador se projete no personagem, espelhando seu repertório pessoal na sua análise particular do videoclipe. Durante o enredo a personagem varia entre silhuetas claras e escuras, contrastando com o fundo, ou fazendo parte dele, passando a ideia de estar mais ou menos em sinergia com as influências do seu arredor, seja luz ou trevas.

Figura 8 - Personagem em contraste com cenário.



Fonte: Autoral

Figura 9 - Concept de personagem



Fonte: Autoral

Durante a pós-produção outros elementos foram adicionados, como o uso de texturas nas luzes, um brilho ao redor ou dentro do personagem, efeitos de projeção analógica no vídeo e diferentes aspect ratios ajudam a amarrar o conceito plástico, criando de cenas espaçosas que passam a sensação de liberdade através dos planos abertos e distantes com proporção 16:9, a outras cenas que entregam uma solidão melancólica, pelas cores frias e estreitamente do quadro para 4:3, trazendo uma ideia de aprisionamento e claustrofobia.

O uso de filtros analógicos, e distorções cromáticas em cenas específicas, somados a câmeras estáticas que observam o personagem de longe, vem da intenção de criar um sensação de observação, como quem assiste a própria história, como uma memória ou gravação do passado, levantando a ideia do espectador que encara durante o ato de assistir o videoclipe, os próprios momentos sombrios da sua história.

4.2. OS RESULTADOS

Após explorarmos o potencial criativo do videoclipe, desvendarmos os seus vínculos com a canção na construção de uma imagética, e propor um estudo de caso para refletir sobre a materialização desses conceitos em um cenário real de produção, chegamos aqui com um peça animada de 2 minutos e 47 segundos de duração, 33 cenas, 10 cenários, repletos de cores, formas, timing e narrativa que juntas criam uma camada plástica única, que cobre a canção com seus artifícios, e nesse momento, em que ambos elementos som e imagem se justapõem, iniciam um processo de troca, validando os signos, conceitos, e imagéticas entre um e outro, ou entrando em conflito com suas diferenças, gerando uma terceira interpretação possível no seu recebimento pelo expectador.

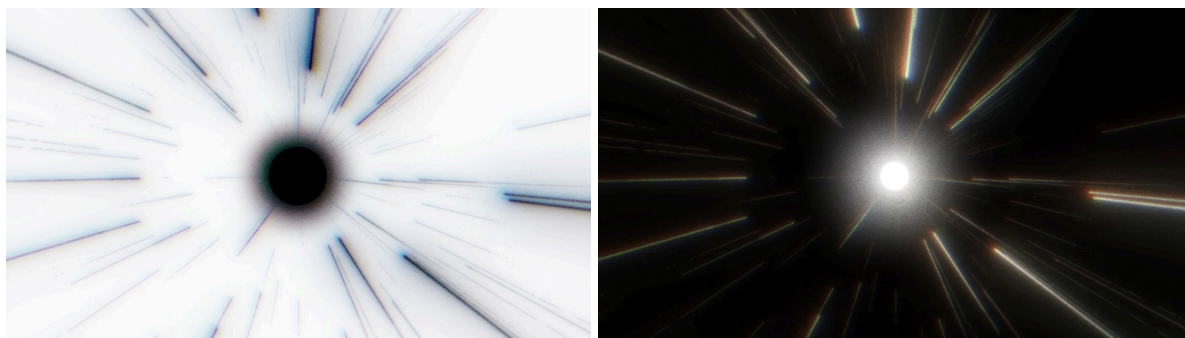
Alguns resultados foram obtidos a partir deste estudo, um deles é que a expectativa inicial ao se produzir um videoclipe animado era de criar uma peça audiovisual que pudesse agregar novos conceitos e sentidos à canção, contudo pelo caráter da canção escolhida, essa característica desejada se mostrou pouco proeminente no videoclipe final, isso se deve a 3 fatores; O primeiro é que a temática do álbum e da canção não está datada de maneira alguma, apesar de já ter mais de 50 anos, a atemporalidade temática do trabalho de pink floyd fez com que o autor mergulhasse pela imagética proposta na canção, entrando em consonância com ela e deixando pouco espaço para a experimentação. Outro aspecto é a forte imagética expressa pela canção na sua narrativa particular, e o intenso impacto da banda na formação de um repertório prévio a quem vai escutar, não é a toa afinal que este é considerado por muitos um dos melhores álbuns de todos os tempos, a imagem produzida por Pink floyd é de fato marcante, e é difícil de desviar das expectativas de gênero que eles mesmos moldaram há meio século atrás. Por último, a admiração pela banda e pelo seu trabalho soberbo fez surgir um interesse maior em reverenciar a canção original e sua imagética, entrando em maior consonância com ela, do que a desafiá-la, e tecer um caminho completamente diferente de construção de sentido na adição de um imagem plástica.

Dito isso, durante o processo de produção, ficou claro como o videoclipe é de fato uma mídia extremamente versátil, e que consegue funcionar dentro dos seus moldes em infinitas formas diferentes, com isso não é difícil de acreditar que ao utilizar uma outra canção os resultados a respeito dos entrelaces com a imagética

impressa por ela poderiam ser o completo oposto. Também ficou óbvio o poder do autor na construção de sentido, e o poder de manipular os sentidos expressos na canção, que de novo, poderiam se dar de maneiras completamente diferentes a escolher outra canção, ou até mesmo a mesma canção, com outro autor.

Apesar da complacência alcançada no conceito geral e temático do videoclipe em comparação com a canção, ainda houve muito espaço para experimentar diferentes relações do som com a imagem apresentada, e introduzir novos aspectos no conceito geral, como os signos de Fogo e Sombra, uma sensação de pessimismo mais intenso do que na canção original e uma a inserção de uma narrativa que leva o expectador a querer voltar ao início da canção em um enredo circular, visto que o videoclipe acaba na mesma cena em que ele começa, interrompendo assim a conectividade entre faixas presente no álbum. Isso foi uma escolha tomada pelo artista para garantir que o conceito do videoclipe funcione sozinho, o que vai de frente com um dos aspectos mais importantes tanto do álbum, quanto do gênero rock progressivo.

Figura 10 - Cena 01: Abertura e encerramento do videoclipe



Fonte: Autoral

5. THE GREAT GIG IN THE SKY - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível perceber como uma análise profunda de uma canção, dos seus aspectos musicais até o conceito artístico, podem nos ajudar a entender e destrinchar sua imagética, e com isso podemos de forma plástica criar artefatos que são capazes de manipular essa imagem para gerar novos sentidos, que no final recaem de volta na canção em um processo circular de pluralidade de sentidos, possibilitados pela junção de som e imagem, em um videoclipe original.

Esse projeto se encontra relevante para refletirmos sobre o papel do videoclipe na construção de sentido de uma peça musical, e se ele tem o poder de agregar significados através dos seus artifícios plásticos, nos faz pensar até que ponto esse processo pode se repetir entre essas mídias numa mesma canção e até que ponto o conceito inicial proposto pelo autor e performer se mantém. Além do mais, este é apenas um recorte, do qual se obteve resultados tímidos a respeito do poder de pluralidade de sentidos e exploração imagética permitida por essa mídia, e em futuros trabalhos pode-se explorar de forma mais profunda o potencial desta mídia, junto a aspectos que foram pouco abordados aqui, como o efeito semiótico dos artefatos sonoros na nossa interpretação imagética, o papel que a estrutura musical influencia nesse processo e as particularidades que os inúmeros gêneros musicais podem provocar em uma análise como essa.

No final, podemos identificar o videoclipe como um produto filmico e artístico, que consegue usar da canção para potencializar seus conceitos, elevar suas temáticas, e deturpar seus sentidos, possibilitando experimentar e inovar com narrativas cativantes e visuais deslumbrantes, ou se preferir, reproduzir a imagética que a canção o emprega e solidificando uma mensagem em um produto plástico final.

REFERÊNCIAS

ARBACHE, Michel. 'The Dark Side of the Moon' – Uma análise geral. In: Michel Arbache. **Letras Incertas**. Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <https://letrasincertas.blogspot.com/2008/05/dark-side-of-moon-uma-anlise.html>. Acesso em: 13 mai. 2024.

ARBACHE, Michel. Breathe. In: Michel Arbache. **Letras Incertas**. Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <https://letrasincertas.blogspot.com/2008/05/dark-side-of-moon-uma-anlise.html>. Acesso em: 13 mai. 2024.

DAVIDSON, Steven. **PINK Floyd The Dark Side Of The Moon. Side One: Analysis And Interpretation**. [S. l.]: Steven Davidson, 2019. 1 vídeo (30 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f-pvOh1gSxA&t=840s>. Acesso em: 20 set. 2024.

JANOTTI JR, Jeder. SOARES, Thiago. **O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise**. Revista Galáxia, junho, n. 15, p. 91-108, 2007.

POLYPHONIC. **SPEAK To Me/Breathe | The Dark Side of the Moon Project**. [S. l.]: Polyphonic, 2020. 1 vídeo (10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uvOovXwXz1U&list=PLX1KR-y7PzzrYyKkKOWo171liX08FLpZg>. Acesso em: 20 mar. 2024.

REISING, Russell. **Speak to Me: The legacy of Pink Floyd's The Dark Side of the Moon**. Burlington: Ashgate, 2005.

SEELIG, Ricardo. **Pra entender: o que é rock progressivo?**. [S. l, s. n.], [2016]. Disponível em: <https://www.collectorsroom.com.br/2016/04/pras-entender-o-que-e-rock-progressivo.html>. Acesso em: 26 abr. 2024.

VARGAS, Herom. **Música e televisão: Uma poética do videoclipe**. Comunicação & Inovação, v. 1, n. 1, 2000.